

Os garis e a greve do lixo

Moacyr Pereira

Os garis e varredores de São Paulo conseguiram arrancar um reajuste de 6,5% sobre os salários e benefícios, retroativos a 1º de março, evitando assim uma greve que não nos interessava desde o princípio. Estamos sem reajuste salarial desde março de 2009, ou seja, há praticamente 14 meses.

Nos reunimos diversas vezes com o sindicato patronal desde o início de março e só agora, depois da ameaça de paralisação, é que finalmente nossas reivindicações salariais, mesmo que parciais, foram atendidas.

Nossa intenção, quando anunciamos a greve, com dois dias úteis e um final de semana de antecedência, era chamar a atenção da opinião pública e da Prefeitura Municipal para a gravidade da situação da limpeza pública em São Paulo. E também sair da inflexibilidade que nos estava sendo imposta pelo setor patronal, com uma postura unilateral e radical em torno da reposição da inflação, de 4,7%.

Cedemos de nossa proposta inicial de 8,7% de reajuste. Aceitamos os 6,5% nos salários e nos benefícios, em respeito à população de São Paulo, que com a greve e a previsão de chuvas para os próximos dias seria a mais prejudicada.

Suspendemos a greve e continuaremos a negociar convênio médico gratuito, redução da jornada de trabalho para 40 horas e demais itens da nossa pauta de reivindicações.

Agora, a categoria respira um pouco mais aliviada. Mas ao mesmo tempo preocupada com a situação do lixo em São Paulo. Queremos ser percebidos por uma São Paulo limpa e não por uma greve que acumularia lixo nas calçadas e bueiros.

Como de hábito, participamos ativamente e com orgulho da árdua tarefa que é limpar São Paulo. Mas, como trabalhadores, não temos o controle gerencial da limpeza e da varrição. E estamos insatisfeitos com a limpeza da cidade. E nos juntamos aos cidadãos paulistanos na busca de uma cidade verdadeiramente limpa. Sabemos que é possível. É uma questão apenas de determinação.

Moacyr Pereira é presidente do SIEMACO